

RELATO DE EXPERIÊNCIA: CONTE OUTRA VEZ – NARRATIVAS ANCESTRAIS E NEURODESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Nands Emanuel Castro Santos
Universidade Estadual de Montes Claros
Licenciatura em Teatro
Estágio Supervisionado II (Prof. Leonardo Silva Alves)
castronands23@gmail.com

O presente trabalho relata a experiência da oficina de contação de histórias intitulada “**Conte outra vez**”, realizada em 28/11/2025, na Escola Estadual Francisco Tofani, voltada para estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. O objetivo central foi promover a valorização das matrizes religiosas africanas por meio das narrativas de Obaluaiyê e Iansã, utilizando a ludicidade como ferramenta de enfrentamento ao racismo estrutural e ao preconceito religioso. A metodologia consistiu em dinâmicas de sensibilização corporal e contação performativa, estabelecendo paralelos entre os arquétipos dos orixás e elementos da natureza. A fundamentação teórica articulou-se às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente à Competência Geral 9, e aos conceitos de neurodesenvolvimento na primeira infância, compreendendo a plasticidade cerebral como uma janela de oportunidade para a consolidação de memórias afetivas e valores éticos de alteridade. Os resultados demonstraram acolhimento institucional positivo e engajamento das crianças, evidenciado pelo interesse dialógico e pelo fortalecimento de vínculos afetivos. Conclui-se que a inserção de cosmogonias afro-brasileiras no currículo escolar, mediada pelo afeto e pela arte, é essencial para a construção de uma **educação antirracista**, capaz de enfrentar estigmas sociais e promover uma cultura de paz desde os anos iniciais.

Palavras-chave : Educação antirracista; contação de histórias; neurodesenvolvimento.

Apresentação

A oficina “**Conte Outra Vez**” foi desenvolvida na Escola Estadual Francisco Tofani como uma intervenção pedagógica que ultrapassa a formalidade do estágio docente. A prática justifica-se pela necessidade urgente de implementar diretrizes de educação para as relações étnico-raciais, utilizando o teatro e a oralidade como veículos de transmissão de saberes ancestrais. A proposta buscou desmistificar as matrizes africanas, apresentando-as como patrimônio cultural e ético essencial para a formação da identidade brasileira. O problema central reside na dificuldade de superar as barreiras do preconceito religioso no ambiente escolar. Como abordar as narrativas dos orixás na Educação Infantil de forma ética, lúdica e integrada ao currículo?

O objetivo geral foi promover o respeito à diversidade cultural por meio das itãs, narrativas de Obaluaiyê e Iansã, estimulando a oralidade, a imaginação e a empatia em crianças do 1º ao 5º ano do Ensino

Fundamental. Para alcançar os objetivos da oficina, foi necessário criar estratégias metodológicas que facilitassem o processo no início, no meio e no fim. A metodologia foi estruturada em três momentos:

1. **Sensibilização:** utilização de jogos teatrais de foco e concentração para estabelecer a prontidão do corpo e da escuta.
2. **Contação performativa:** a narrativa foi construída por meio de metáforas naturais, associando Iansã aos ventos e à transformação, e Obaluaiyê à terra e à cura. O corpo-em-escrita doicineiro atuou como mediador lúdico entre o mito e o cotidiano das crianças.
3. **Mediação dialógica:** espaço aberto para perguntas e reflexões, no qual as crianças puderam relacionar os arquétipos apresentados com suas próprias emoções, como a superação da tristeza e o acolhimento.

A prática ancora-se na Competência Geral 9 da BNCC, que orienta o exercício da alteridade e do diálogo para a promoção dos direitos humanos. Teoricamente, o trabalho dialoga com a **educação antirracista** e com os estudos sobre neurodesenvolvimento na primeira infância. Compreende-se que, entre os 6 e 10 anos, a plasticidade cerebral permite a consolidação de memórias afetivas e sociais fundamentais para combater a internalização de preconceitos, que são respostas do meio e não traços inatos do indivíduo. Os resultados foram obtidos no engajamento imediato e na quebra de barreiras institucionais. O acolhimento da equipe pedagógica e a resposta afetiva dos alunos, manifestada em abraços, perguntas curiosas e alegria, mostrou que uma abordagem lúdica é capaz de enfrentar estigmas. A experiência comprovou que as narrativas de matriz africana, quando apresentadas como metáforas de vida, geram identidade e fortalecem o vínculo socioemocional entre professor e aluno.

Relevância social

A relevância social da experiência reside na democratização do acesso à cultura afro-brasileira, combatendo o racismo estrutural no cerne da formação escolar. Para o público infantil, a prática oferece referências positivas de ancestralidade, fundamentais para a construção de uma autoimagem saudável. Em relação ao COPED, a experiência dialoga diretamente com o eixo de Práticas Pedagógicas e Diversidade, ao propor uma metodologia que integra neurociência, artes cênicas e **educação antirracista** como pilares para uma cultura de paz. A seguir seguem os registros que foram capturados na oficina, mediante autorização da coordenação pedagógica



Considerações finais

A ação pedagógica descrita acima revelou que a educação antirracista passa necessariamente pela sensibilidade e pela coragem política de ocupar o espaço escolar com narrativas plurais. A experiência reafirma que a formação docente em Teatro deve estar aliada ao compromisso social, utilizando a cena como laboratório de cidadania. Conclui-se que o estímulo à memória afetiva positiva na infância é um caminho eficaz para a construção de uma sociedade livre de discriminações.